

VENDE-SE CHÁ: UM RESGATE HISTÓRICO DA BEBIDA NO RECIFE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Ana Paula Costa de Abreu e Melo
Mestranda do curso profissional de História, Unicap
abreuemelo@gmail.com

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo encontrar indícios do consumo e comercialização do chá (folhas da *Camellia sinensis*) no comércio da Cidade do Recife na primeira metade do século XIX. Para realização da pesquisa foram utilizadas fontes historiográficas e periódicos locais para indicar como ocorria o comércio das folhas para infusão e dos utensílios necessários para seu preparo. Após a análise das informações coletadas, observou-se que o chá era produto taxado, por ser importado, tabelado pelo estado e que era constantemente anunciado e comercializado nas lojas/armazéns de venda de gêneros, botequins e casas de pasto do Recife.

Palavras-chave: Consumo; Bebidas; Chá

Partindo das bases teóricas do artigo "A alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa", de Santos (2011), é possível inferir sobre a historiografia da alimentação e, consequentemente, das bebidas.

Este artigo traz conceitos que permitem entender o espaço privilegiado em que os estudos antropológicos colocavam a alimentação e as práticas culinárias, destacando a importância das obras de Brillat-Savarin, escrita em 1825, na historiografia.

Em "Fisiologia do Gosto", de Brillat-Savarin trata de questões relativas à sede (sentimento interior que indica a necessidade de beber), e às bebidas. Mesmo não tratando especificamente do chá, fala da água, do café, do chocolate e das bebidas alcoólicas.

> "El gusto, que se excita por apetito, hambre y sed, es base de varias operaciones, de donde resultan crecimiento, desarrollo y conservación en los individuos, haciendo que se repongan de las pérdidas originadas por las evaporaciones vitales." (BRILLANT-SAVARIN, 2001.p.28)

Representando a segunda geração dos Annales, o historiador francês Fernand Braudel, herdeiro de Bloch e Febvre, por meio do conceito de cultura material abrange aspectos da sobrevivência humana como a comida, a habitação e o vestuário. É com seus estudos que a História da Alimentação ganha o status de pesquisa histórica. No seu livro "Bebidas y excitantes" (1979), o autor discorre um pouco sobre a água, o vinho, a cerveja, a sidra, o chocolate, o café e várias páginas dedicadas ao chá (p.42-49).

Posteriormente a obra coletiva de diversos autores, sob a direção de Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari, chamada "História da Alimentação" (1998) trazem no capítulo 34 (p.465 a 472) um texto de Alain Huetz Lemps onde se explana sobre as bebidas coloniais: café, chocolate e chá (p.472), e sobre o açúcar.

Para Menezes e Carneiro (1997), a História da Alimentação já vinha assumindo personalidade própria na segunda metade do século XX no domínio das ciências sociais e na História propriamente dita. Fazem um panorama dos estudos da alimentação, salientando a contribuição específica das ciências sociais. Em seguida, trata da formação do que se chama propriamente a História da Alimentação e delineiam um perfil da problemática da alimentação na historiografia brasileira. Abordam diferentes enfoques que podem ser tratados ao se falar de alimentação: o enfoque biológico, o econômico, o social, o cultural e o filosófico.

Para o presente estudo foram utilizadas as historiografias produzidas pelos autores já citados e a pesquisa sobre o tema "Chá" nos periódicos em circulação na cidade do Recife, Jornal Diário de Pernambuco (onde o termo aparece 898 vezes) e o Carapuceiro (com 73 aparições), no período de 1825-1839, por meio da Hemeroteca Digital[1]. No Diário as notas são na sua maioria anúncios de venda das folhas de chá e aparatos para preparação (xícaras e colheres), já no Carapuceiro se observa mais a crítica do costume de beber chá.

Para maior clareza do estudo convém esclarecer o que é chá. Diferentemente do que se divulga atualmente o chá é, exclusivamente, a infusão das folhas da árvore Camellia

[1] .Site <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> Acessado no período de 10/01/2022 a 10/09/2022.

sinensis. Podem ser branco, verde, oolong, Pu-Er ou preto, pois todos utilizam as folhas da árvore indicada anteriormente, mudando apenas a manufatura empregada (alguns são só secados, outros são fermentados e/ou oxidados).[2]

Mesmo sendo uma bebida consumida por marinheiros e pessoas ligadas ao comércio com os chineses, logo o chá passa para a aristocracia portuguesa, que a incorpora aos seus hábitos alimentares por sua propriedade revigorante e medicinal.

A influência do hábito de beber a infusão das folhas chá pela rainha Catarina de Bragança foi um marco na divulgação da bebida na Inglaterra do séc.XVII e seu dote, Bombaim (Índia), foi um elemento comercial estratégico para a Companhia Britânica das Índias Orientais.[3].

Segundo Flandrin (1998, p.461) só uma bebida se introduziu já no século XVIII na dieta camponesa inglesa: o chá. E destaca um trecho François de La Rochefoucauld em 1784:

> "O uso do chá é comum em toda a Inglaterra; toma-se chá duas vezes por dia, e embora isso represente uma despesa considerável, não há camponês que não o tome as duas vezes, assim como o mais rico [...]. O açúcar comum ou o açúcar mascavo, que é necessário em grande quantidade e muito caro, não impede que esse hábito seja geral, sem exceção alguma". (FLANDRIN,1998)

O hábito de beber chá não era uma exclusividade da nobreza, embora tenha ganhado destaque durante a Era Vitoriana (1837-1901) com o famoso "chá da tarde".

> "De fato, o chá integrou-se à vida cotidiana a tal ponto que se tornou uma arte de viver para todos os britânicos. Essa penetração em todos os segmentos sociais prosseguiu no decorrer do século XIX e, na Inglaterra, o consumo passou de 12.000 toneladas por ano, em 1801-1810, para 89.000 em 1881-1890." (FLANDRIN, 1998.p.473)

Desde meados do século XVIII, a presença da Grã-Bretanha se fazia presente nas transações comerciais com Portugal e suas colônias:

> "Às concessões feitas a Inglaterra, primeiramente sob a forma de licenças, revelam a força dessa potência, e ao mesmo tempo, põem em evidência a contradição básica do Império Português: pequeno reino com vasto Império. Contradição essa que o obrigou à alienação de parte de seu "exclusivo" colonial, em troca de proteção política e militar." (ARRUDA, 1986)

---

[2] ABREU E MELO, A. P. C.; ABREU, Bianca Costa de . Chá ou tisana? Uma dose de conhecimento na sua bebida. In: Congresso Brasileiro de Inovação e Tecnologia na Gastronomia e Ciência de Alimentos, 2020, Fortaleza, CE.. Inovação e Tecnologia na Gastronomia. Fortaleza: Monferrer, 2020. v. 1. p. 441-442.

[3] ABREU E MELO, A.P.C. A influência portuguesa do chá na Inglaterra no século XVII. In: Congresso Internacional de Gastronomia e Ciências de Alimento, 1, 2013, Fortaleza.

No início do século XIX, Napoleão Bonaparte (1769-1821), visando conquistar toda a Europa, ocupa a Áustria e a Prússia, perde tropas navais em Trafalgar para a Grã-Bretanha, e faz o Tratado de Tilsit[4] com a Rússia (1807). Ao perceber a impossibilidade de invadir a Grã-Bretanha por mar, dirige sua atenção para a Península Ibérica, e impõe a adesão de Portugal e Espanha ao Bloqueio Continental (1806) com a quebra de suas relações comerciais. Confrontado e ameaçado com a perdas financeiras, Dom João VI, rei de Portugal, sai da neutralidade a favor da Grã-Bretanha e se coloca numa situação de conflito direto com a França (LIGHT, 2008).

O regente português sugere que a Inglaterra bloqueie o porto de Lisboa, dizendo:

> "Desse modo, a Inglaterra efetivamente impedirá que nossa Marinha caia nas mãos da França; o modo que empregará com tal finalidade será justo e honrado, enquanto que uma tentativa de capturar nossa esquadra pela força certamente macularia a reputação ilibada de que a Inglaterra tem desfrutado entre as nações." (LIGHT, 2008).

A frota inglesa da Royal Navy estava em seu apogeu em 1805 com o controle das comunicações marítimas com fins comerciais e/ou militares e assumia um conjunto de funções produtivas que atendiam aos interesses nacionais, como segurança externa (impedindo invasões), proteção de comércio internacional e costeiro, predação sobre o comércio inimigo em tempos de guerra, transporte de tropas, e para o apoio a aliados e colônias (OLIVEIRA, 2020).

É nesse contexto que a família real portuguesa, diante da invasão iminente, se amontoa em navios, junto com demais membros da corte (aproximadamente dez mil pessoas) e com escolta inglesa segue para a cidade do Rio de Janeiro no Brasil. Em 1808, com a chegada da Corte à Bahia, Dom João decreta a abertura dos portos às "nações amigas", isto é, a aberturas dos portos para os produtos ingleses.

De acordo com Gilberto Freyre (1977), desde o tratado assinado no século XVII foi dada a autorização de permanência de quatro famílias britânicas em cada província brasileira de importância comercial (citando Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, provavelmente se referindo às cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro) com privilégios que nenhum outro povo obteve. Diz ainda que:

> "Entre tais privilégios, o das mercadorias inglesas pagarem apenas 15% de direitos, ao arbítrio dos cônsoles de S.M.Britânica, enquanto os produtos dos demais estrangeiros tinham que pagar 24%, com o valor das mercadorias fixado, sobre as faturas, por autoridades portuguesas. Quase a bandeira inglesa nas

[4] Onde Napoleão Bonaparte exige da Rússia o bloqueio econômico de todos os produtos ingleses.

> alfândegas do Brasil por obra não dos lobos desabusados mas das raposas sutis da diplomacia imperialista de S.M.B. das que agiam em terra embora contando sempre com os lobos do mar. A verdade, porém, é que depois de quase escandalosos privilégios, de ordem econômica e até política, os britânicos passaram a abrir créditos fáceis aos clientes brasileiros e aventurar capitais no nosso país de uma forma que os franceses, por muito tempo seus principais competidores, não se extremaram nunca. Aos ingleses só os alemães viriam a superar nesse excesso de confiança nos clientes sul-americanos; mas já no século XX." (FREYRE,1977)

Quanto ao chá, Gilberto Freyre (1948) relata esse fato ao pesquisar em periódicos do Rio de Janeiro, a "Gazeta" anunciava lojas em que o Oriente e o Ocidente se encontravam fraternalmente, e que numa delas havia "chá de todas as qualidades vindos proximamente de Macau de navio Maria I para vender por grosso e a varejo".

De acordo com Chen, na sua tese "Seguindo a Rota Marítima do Chá: da Ilha de São Miguel à Terra de Lingnan", diz que três cultivadores chineses chegaram no Brasil em 1809, e que em 1812, um trabalhador chinês chamado Seac Pou escreveu uma carta a um amigo em Macau, revelando que "(…) um total de três cultivavam chá no Jardim Botânico, localizado no Rio de Janeiro, e todas as mudas cresceram muito bem. Assim, o rei ficou muito feliz." Como referido anteriormente, a navegação direta Macau-Brasil começou em 1809.

Em 1811, o governo de Macau enviou dois chineses, de seu nome Apao e Achune, e quatro caixotes de plantas de chá para a Bahia. Os chineses assinaram um contrato onde recebiam cinco salários adiantados para trabalharem imediatamente quando chegassem nas plantações do chá.

Já no final de 1813 chega ao Brasil um grupo de 45 pessoas com mudas de chá que deveriam ser encaminhados para a fazenda de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, mas que acabariam por trabalhar no Jardim Botânico até 9 de janeiro de 1815.

Por decreto, foi criada em 1814 a cadeira de botânica e agricultura na Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro. Para o cargo foi nomeado o frei Leandro do Sacramento, que dez anos depois assumiria a direção do Jardim Botânico da Lagoa Rodrigo de Freitas. Entre suas diversas iniciativas na instituição, sobressai a plantação de chá em larga escala, com os objetivos de aclimatar a espécie e buscar variedades que melhor se adequassem ao clima e solo, além de propagar a cultura com distribuição de sementes.

Em 1828 foi colhido no Jardim Botânico do Rio de Janeiro o correspondente a cerca de 338 quilos de sementes, que eram distribuídas gratuitamente aos produtores rurais. Com a produção de sementes, aclimatação da espécie ao nosso clima e solo, bem como o estudo

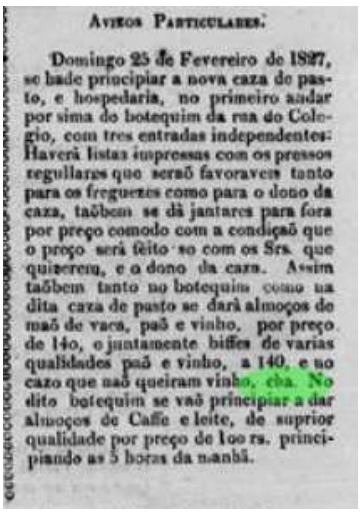
das variedades, iniciou-se a produção do chá, na tentativa de implantar, em grande escala, a cultura no Brasil e reduzir o domínio inglês na importação do produto chinês.

Por ser num ponto economicamente estratégico para operações comerciais, os britânicos tinham "interesse especial" na cidade do Recife (FREYRE,1977). Interesse que é demonstrado por Mello (1972) ao citar que em 28 de janeiro 1826 já havia 18 estabelecimentos comerciais britânicos na cidade.

Os relatos de Henry Koster, inglês estabelecido no Recife em 1809 para tratar a saúde, demonstra o potencial econômico em torno do chá.

> "Quando os inglêses, que se estabeleceram no Recife, exgotaram a provisão de chá que haviam trazido, perguntaram onde podiam adquirir, e lhes foi indicada a botica (apothecary's shop). Foram lá e pediram simplesmente chá, quando o homem perguntou que especie de chá desejavam. e, compreendendo, exclamou: - "Ah! os senhores querem Chá da lndia!" porque considerava esse como uma outra droga qualquer. Mas na epoca em que falo, grandes quantidades são consumidas." (Koster,1809. p.59)

No Recife o chá começa a ser anunciados em 1827 no Diário de Pernambuco[5] e que era uma opção para as pessoas que não quisessem consumi-lo na seguinte casa de pasto:



AVISOS PARTICULARES.

Domingo 25 de Fevereiro de 1827, se hade principiar a nova caza de pasto, e hospedaria, no primeiro andar por sima do botequim da rua do Colegio, com tres entradas independentes: Haverá listas impressas com os pressos regulares que serão favoraveis tanto para os freguezes como para o dono da caza, taõbem se dá jantares para fora por preço comodo com a condiçaõ que o preço será feito so com os Srs. que quizerem, e o dono da caza. Assim taõbem tanto no botequim como na dita caza de pasto se dará almoços de maõ de vaca, paõ e vinho, por preço de 140, e juntamente biffes de varias qualidades paõ e vinho, a 140, e no cazo que naõ queiram vinho, cha. No dito botequim se vaõ principiar a dar almoços de Caffe e leite, de suprior qualidade por preço de 100 rs. principiando as 5 horas da manhã.

Fonte: Diário de Pernambuco de 19/02/1827 na Hemeroteca Digital

Os chás chineses mais comercializados nesse período no Brasil eram o Hyson[6], pérola, imperial e o Uxim e havia uma tabela taxando seus valores, máximo e mínimo, por libra (moeda), com o título: Preços correntes de gêneros de importação em grosso. Podiam ser comprados em caixas de 2 ou 5 libras (peso).

---

[5] Em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_01&pasta=ano%20182&pesq=Ch%C3%A1&pagfis=77> Acessado em 10/09/2022.

[6] "Hyson" era uma marca inglesa de chás chineses.

Muitos eram os anúncios de compra e venda de porcelanas finas para beber chá e colherinhas de prata. Todos os utensílios necessários para o preparo dentro dos moldes europeus[7].

Koster (1942) comenta em seus relatos:

> "Terminado o jantar, toda gente se ergueu e passamos á outra sala. Ás oito horas numerosa sociedade se reuniu para o chá e não partimos sinão muito tarde... Pode ser observado, depois do que escrevi e tenho feito menção, que não é passivei julgar a sociedade por uma mesma regra. Familias de igual posição, importancia e riqueza, tem maneiras inteiramente diversas. O facto é que a sociedade sofreu uma transformação rapida. Não que o povo imitasse os habitas europeus embora esses tivessem influencia, mas á proporção que a prosperidade aumenta, maior luxo é exigido; quando a educação se aperfeiçôa, os divertimentos são mais polidos e altos, e, alargando-se o espiríto, pelas leituras, muitos costumes tomam forma diversa. As mesmas pessôas vão insensivelmente mudando e já olham com ridículo e desgosto, em poucos anos, os habitas que as haviam subjugado longamente."

Seriam os ingleses os civilizadores da sociedade pernambucana? Neste caso, reporto a Elias (1994) no livro "O Processo Civilizador". As mudanças a que Koster se refere sugerem que sim. Que seriam eles, os ingleses, os responsáveis pelo processo transformador dos modos e costumes pernambucanos. O hábito "civilizado" de beber chá após as refeições se tornava usual e é citado por Koster em vários momentos.

O que ninguém relata nos periódicos locais é que na Inglaterra não era só a elite burguesa da revolução industrial que bebia chá. Além disso, nem todos os imigrantes ingleses eram ricos comerciantes e que muitos vinham para o Brasil fugindo da pobreza extrema e em busca de novas oportunidades.

Para Gillies (2007), no seu estudo comparativo sobre a ocupação britânica na colônia de Assunguy, no Paraná, e na Província da Bahia, sob a perspectiva de Nobert Elias e seu processo civilizador, diz:

> "Estudar o Assunguy leva a desmistificar a idéia construída - tão cuidadosa e tenazmente na Bahia – do 'inglês' como sendo uma coisa única homogênea, estável, imutável. O 'inglês' do Assunguy era, na sua maioria, muito diferente da imagem do inglês construída na Bahia: ele era pobre, sem terra, sem educação, desesperado, briguento", "barulhento". Aqui, a imagem não poderia ser mais desfavorável: maltrapilhos, esfarrapados, bêbados, inconformados. É claro que esta não é uma representação de todo o grupo – mesmo porque lá também havia entre eles uma certa elite (their betters), mas foi a imagem que ficou: incômodos, inconvenientes, agressivos, descontrolados, enfim uncivilised, não só na colônia, como também na capital da província- Curitiba, em Paranaguá e no Rio de Janeiro.

[7] É importante destacar que muitos desses utensílios podem ser encontrados nas casas pernambucanas até nos dias atuais.

> Mas o curioso é como a imagem que permaneceu foi aquela finamente elaborada do inglês: excêntrico, pomposo, reservado, fleumático, distante, racional; e ainda: admirador de belos jardins, fumante de cachimbo, amante da vida e exercícios ao ar-livre, como caminhar, até mesmo sob o sol do meio-dia, bebedor de scotch e saudoso de sua pátria, para onde espera voltar. A do seu oposto poucos conhecem." (GILLIES,2007)

Saber como os ingleses que vieram para Pernambuco se colocavam nesse contexto é um desafio que merece mais estudos. Seriam eles os *Their Betters* tratados acima? E como enfrentaram os complexos códigos da sociedade colonial brasileira? A construção de grupos pode ter sido a forma de manter a sua "britanicidade", assim como o hábito de beber chá.

Em 1837 o jornal, "O Carapuceiro", faz uma crítica dos costumes quanto à forma de preparo do chá nas casas no Recife:

> "Não só tenho aprendido o que he bom tom, se não, que também há *grande tom*, que vem a ser o mesmo bom tom mais apurado, ou refinado, ou o bom tom das pessoas mais delicadas, e superfinas. Não há muitos anos, que o chá, que tinha de se dar ás vizitas. A dona, ou outra qualquer senhorita da caza assentava-se ao pé de huma banquinha ja destinada para isso, e ali de baixo de certa regras, e compassos fazia o chá, que os serventes ião distribuindo ao mesmo tempo que as torradas, os sequilhos, e bolinhos: mas hoje quem praticasse isto, que não sei o que tenha mau, seria reputado grosseiro, e falto de gosto; por que huma Pragmatica há determinado, que o chá, e mais adminículos venhão em procissão lá do interior da caza; pois assim o tom tem decretado o grande tom.[8]"

Sendo preparado na frente da visita ou vindo pronto da cozinha, o hábito de beber o chá já estava nas casas recifenses e nas suas festas[9], não ficando o consumo restrito unicamente aos ingleses.

Como citado por Certeau, Giard e Mayol (1994) no livro "A invenção do cotidiano: morar, cozinhar", o chá invade o espaço privado das casas não só para a nutrição, mas também para o entretenimento e a convivialidade. As mudanças na forma de preparo do chá não impediram que estivesse presente no cotidiano das famílias recifenses mais "civilizadas":

> "Só uma língua morta não sofre modificações, só a ausência de qualquer residente respeita a ordem imóvel das coisas. A vida entretém e desloca, ela usa, quebra e refaz, ela cria novas configurações de seres e de objetos, através das

[8] Extraído do Jornal "O Carapuceiro" de 06/05/1837 em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=750000&pasta=ano%20183&pesq=Ch%C3%A1&pagfis=559> Acessado em 05/05/2022.

[9] Uma delas foi a realizada no dia 02/07/1830 em comemoração a expulsão dos portugueses e independência do Brasil. Para leitura da nota publicada dia 08/07/1830 na coluna "Communicado", do Diario de Pernambuco em < http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_01& Pesq=Ch%c3%a1&pagfis=2293>

> práticas cotidianas dos vivos, sempre semelhantes e diferentes. O espaço privado é aquela cidade ideal onde todos os passantes teriam rostos de amados, onde as ruas são familiares e seguras, onde a arquitetura interna pode ser modificada quase à vontade." (CERTEAU, GIARD, MAYOL,1994, p.207)

Era possível comprar chá nas lojas/armazéns de gêneros do Recife, onde eram vendidos vinhos, cerveja, cachaça, gin (chamado de genebra), bixas (sanguessugas), café, manteiga, velas de espermacete, sabão inglês e americano, graxa, bacalhau, bolaxinha americana, fumo, sapatos, carteiras e tintas para escrever, queijos londrinos, presuntos, e conservas de toda a qualidade, sempre havia acessórios para preparo do chá (porcelanas, colheres, etc.), além de suas folhas.

Para concluir, pode-se destacar que o chá, como infusão das folhas da Camellia sinensis, não foi um hábito restrito aos ingleses que moravam em Recife. Embora pouco conhecido atualmente, ou tido como novidade saudável, a bebida já fez parte do consumo dos recifenses na primeira metade no século XIX, não só por meio das boticas, como remédio, mas também como bebida servida no dia a dia, em eventos sociais e em botequins, acompanhando refeições e jogos como o bilhar e o gamão.

REFERÊNCIAS

ABREU E MELO, A.P.C.de**. A influência portuguesa na introdução do chá na Inglaterra no século XVII**. In: Congresso Internacional de Gastronomia e Ciência de Alimentos, 2, 2013, Fortaleza - CE. Anais, Fortaleza, 2013.

ARRUDA, José Jobson de A. **A circulação, as finanças e as flutuações econômicas**. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (coord.). **O império Luso-Brasileiro 1750-1822**. Lisboa: Ed. Estampa, 1986. 163 p. v.8.

BRAUDEL, Fernand, **Civilização material e capitalismo**. Lisboa: Cosmos, 1970.

---------- **Bebidas y excitantes**. Madri: Patria, 1994.

BRILLANT-SAVARIN. **Fisiologia del gusto**. Barcelona: Optima, 2001.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: Morar, cozinhar**. 12. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994. V.2.

ELIAS, Norbert. **Sugestão para uma teoria dos processos civilizadores**. In: O processo civilizador. Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v.1.

FLANDRIN, Jean-Louis; e MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**, tradução de Luciano Vieira Machado e Guilherme J. F. Teixeira, São Paulo, Estação Liberdade, 1998.

FREEDMAN, Paul. **A história do sabor**, São Paulo, Senac, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

---------- **China tropical**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

GILLIES, Ana Maria Rufino. **Os ingleses da colônia do Assunguy (1859-1882) sob a perspectiva do processo civilizador: Um estudo comparativo com outra comunidade britânica do século XIX**. Simpósio Internacional Processo Civilizador. 10. Anais, Campinas: 2007.

GUENTHER, Louise H. **British merchants in nineteenth-century Brazil: business, culture and identity in Bahia, 1808-1850**. Oxford, England: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, 2004.

GUIMARÃES, Carlos Gabriel. **O Comittee de 1808 e a defesa dos interesses ingleses com a Corte no Brasil**. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). Nação e cidadania no Império. Novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 371-393.

GRACINDO, Iná. **Viagem ao mundo do chá**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

KOSTER, Henry. **Viagem ao Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Nacional, 1942.

LAMB, Roberto E. **Imigrantes britânicos em terras do império brasileiro: mobilidades, vivência e identidades em colônias agrícolas (1860-1889)**. Tese Doutorado em História. PUC, São Paulo, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MACFARLANE, Alan. **História do amor e do casamento: Inglaterra: 1300-1840**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MARSHALL, Oliver. **English, Irish and Irish-American pioneer settlers in nineteenth-century Brazil**. Oxford, England: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, 2004.

MELLO, J.A.G.de. **Ingleses em Pernambuco**. Recife: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, 1972

MENESES, Ulpiano T. Bezerra; e CARNEIRO, Henrique. **A história da alimentação: balizas historiográficas.** Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, Nova Série, Vol.5, jan/dez 1997, pp.9-92.

MONTANARI, Massimo, **Comida como cultura**, São Paulo, Senac, 2008.

----------, **A fome e a abundância. História da alimentação na Europa**. Bauru-SP: EDUSC, 2003.

OLIVEIRA, Igor Candido de. **Uma análise sobre a formação do complexo industrial naval britânico: o papel da Royal Navy na transformação estrutural do Reino Unido no século XVIII**. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, p.113. 2020.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **História da alimentação no Paraná.** Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

THOMPSON, E.P. **The making of the english working class**. London, England: 2014.

TOLEDO, Benedito Lima de. **Largo do Arouche: algumas considerações**. Disponível em <www.academiapaulistadeletras.org.br/ memoria.asp?materia=1352 > Acesso em: 13 de set. de 2021.